SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.1590/2316-82422026v4701fj

Nietzsche e a questão da Universidade

Fabien Jégoudez

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Submetido em: 2026-05-19
Postado em: 2026-05-20 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Nietzsche e a questão da Universidade*

Fabien Jégoudez
UMR 8547 Países Germânicos - Transferências Culturais (CNRS/ENS PSL), Paris, França.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4861-1500

Resumo: A complexidade das relações de Nietzsche com a Universidade tem sido subestimada até o presente momento. Como crítico da modernidade, Nietzsche aborda frontalmente a questão do funcionamento das instituições universitárias do século XIX, notadamente no que diz respeito às suas finalidades e objetivos. Nietzsche se inscreve em uma longa tradição de sátira relativa aos estabelecimentos de ensino, cuja figura de proa é o *Fausto I* de Goethe. Nietzsche dá continuidade a essa crítica e a levou ao seu grau mais alto, ao mesmo tempo que delineia pistas para uma outra relação com o saber, novas formas de educação, e esboça os contornos de uma Universidade inédita.
Palavras-chave: Universidade, educação, erudito, Goethe, ciência, *Bildung*.

Nietzsche and the question of the University

Abstract: The complexity of Nietzsche's relationship with the University has been underestimated until now. As a critic of modernity, Nietzsche addresses directly the question of how 19th-century academic institutions functioned, particularly regarding their aims and objectives. Nietzsche was part of a long tradition of satire concerning educational institutions, a leading figure of which was Goethe's *Faust I*. Nietzsche continued this criticism and took it to its ultimate conclusion, while also suggesting paths towards a different relationship with knowledge and new forms of education, and sketching out the contours of a new kind of university. Nietzsche pursued this critique and took it to its ultimate conclusion, while also identifying avenues for a different relationship with knowledge.
Keywords: University, education, scholar, Goethe, science, *Bildung*.

* Tradução de Marcelo José das Neves. Correio eletrônico: Marcelo.neves@edu.unirio.br

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Mas proclamar a verdade, há alguém que ouse fazê-lo!

(GOETHE, *Fausto I*, v. 589)

No âmbito desta reflexão coletiva acerca da crítica nietzschiana da modernidade, nosso objeto de reflexão será o problema da educação. Propomos iluminá-lo por meio do prisma oferecido pela questão mais específica da Universidade. A esse respeito, a figura de Michel Foucault interpôs-se, e me refiro ao último Foucault e a seu interesse, ao mesmo tempo ético e político, pelo problema da verdade e da *parrésia*. Na realidade, a questão da relação com a verdade não é descartada por Nietzsche, como a interpretação vulgar de Foucault quer fazer crer, mas constitui ainda hoje um problema de primeira ordem quando articulada com a questão da Universidade. A relação de Nietzsche com a Universidade é muito mais complexa, e muito mais problemática, do que a quase totalidade dos trabalhos acadêmicos, dedicados a essa questão, reconhece. Para tratar desse problema, os três eixos da minha análise contributiva serão: a questão da relação que a Universidade mantém com a educação dos alunos (e dos professores); o problema da verdade; finalmente, um problema mais abrangente e talvez ainda mais preocupante, qual seja o problema da relação do homem moderno com a natureza, que aqui só poderemos tratar de maneira bastante secundária. Comecemos por duas citações de Foucault. A primeira provém de seu discurso no Collège de France, em 1º de fevereiro de 1984: "Dizer a verdade sobre o ser e dizer a verdade sobre o saber, essa foi a tarefa de uma instituição, tão específica da Idade Média quanto o tinha sido a Pregação: a Universidade. [...] E a época moderna, dirão vocês? Não sei muito bem. Seria sem dúvida algo a ser analisado"[1]. E a segunda é extraída do discurso proferido na Universidade de Berkeley em 24 de outubro de 1983: "De todo modo, mesmo que a universidade tenha tentado ou tenha sido tentada a desempenhar esses quatro papéis ao mesmo tempo, é fato que não foi bem-sucedida nessa tentativa"[2]. Mencionemos brevemente os quatro papéis enunciados por Foucault nessa segunda citação: o do profeta (que coloca em jogo o destino), o do sábio (que coloca em jogo o ser), o do professor (que coloca em jogo a *tekhnê*) e o do parresiasta (que coloca em jogo o *éthos*). O parresiasta é aquele que induz uma ruptura e um conflito, ao passo que o professor institui, necessariamente, um vínculo. Foucault observa que esses quatro papéis às vezes se

[1] Foucault, 2009, p. 29.

[2] Foucault, 2016, p. 108.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

combinam na história do saber e das ciências, e Nietzsche também esteve envolvido, à sua maneira, nessa quadripartição própria à difusão do conhecimento em sentido amplo, ainda que o papel do parresiasta me pareça, no caso deste último, acabar por predominar, notadamente no que concerne a essa questão da Universidade. Essa particularidade, Colli (1996, p. 45) já a havia percebido bem em 1980: o jovem Nietzsche logo se encontraria na Basileia numa posição bastante desconfortável, a de criticar, por meio de textos e escritos sucessivos, a Universidade, por dentro, enquanto era um de seus representantes e atores. Note-se a neutralidade do título aqui escolhido: "Nietzsche e a questão da Universidade", o que implica abordar esse problema de maneira equilibrada e racional, ao mesmo tempo em que se trata dele com franqueza. A fim de oferecer um ponto de referência contemporâneo, partiremos de uma definição de Thomas de Koninck, datada de 2004: "A Universidade é uma comunidade no sentido cheio da palavra, em virtude do conjunto de testemunhos que ela implica, do compartilhamento dos saberes, das trocas tanto entre pensadores, artistas, acadêmicos, figuras políticas, quanto sobre o trabalho deles, que será estudado e renovado"[3]. Continuemos, de plano, com o que um professor universitário tão erudito quanto perspicaz como Thomas de Koninck denomina o "sofisma pragmático": "a raiz do problema em educação é nossa satisfação complacente diante de nosso modo de viver, que nos faz crer que a educação não teria outra razão de ser senão um maior conforto e segurança no mundo". Baseando-se em uma citação de *Macbeth*: "And you all know security / Is mortals' chiefest enemy"[4], Thomas de Koninck prossegue assim: "A crítica mais severa que se deveria então dirigir a elas [as universidades] não seria apenas a de se terem entrincheirado atrás das barreiras das especializações e dos dialetos acadêmicos impenetráveis, mas, o que é ainda pior, a de terem *traído* sua missão humanista central"[5]. Essa observação nos conduz a considerar com seriedade, mas de maneira necessariamente sintética, em que consistiria exatamente essa falha e de que forma Nietzsche herda esse problema que ele próprio tentou abordar. Começaremos, portanto, por abordar a situação do problema antes de Nietzsche, antes de passarmos às reflexões de Nietzsche sobre essa questão da Universidade. E isso pressupõe estabelecer uma relação de compreensão com o que era a *Bildung* na época de Nietzsche. E não se pode falar da *Bildung* sem fazer

[3] De Koninck, 2004, p. 176.
[4] Shakespeare, 2014, p. 73.
[5] De Koninck, 2004, p. 177, itálico de F. J.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

referência a Goethe, cuja influência, como se sabe, é universal e de quem ele foi um mestre incontestável.

I. A Universidade e o problema do erudito[6] no cerne do *Fausto* de Goethe.

Sobre a questão da universidade, Goethe precede Nietzsche. Consequentemente, Nietzsche não constrói do nada, partindo de uma folha em branco, mas sim sobre o que há muito se revela um campo minado. Desde os primórdios da universidade na Idade Média, discussões, críticas e até sátiras abundaram. Isso fica perfeitamente evidente no primeiro *Fausto* de Goethe, cuja concepção geral assenta, pode-se dizer, em uma base particularmente crítica, ao considerar a prática e o ensino das ciências como o paradigma da alienação e da diminuição da existência individual, em especial a do erudito moderno. Não é por acaso que Fausto busca uma autenticidade criativa, que ele parece não ter encontrado na Universidade, e isso em nome da "natureza". A problemática da erudição colocada por *Fausto* não é própria apenas ao monólogo de abertura, mas forma o núcleo ideal fundamental da obra. Fausto sente-se alienado em relação à vida e gostaria de reencontrar a natureza, e, além disso, de ser um homem mais completo, enquanto não passa de um erudito, ainda que eminente: já aqui encontramos, sob diferentes formas, a matriz de pensamento do jovem Nietzsche. É claro que essa problemática tem suas raízes, em primeiro lugar e de forma muito profunda, no *Sturm und Drang*. Goethe apoia-se notadamente em Herder, que o precede nessa questão e escreveu comentários por vezes bastante desagradáveis sobre os eruditos[7]. No primeiro *Fausto*, a forma antiquada do verso rimado em pares, em quatro tempos fortes, no monólogo intitulado "Noite" é, do ponto de vista da forma, de uma ironia mordaz face ao próprio conteúdo do monólogo, ou seja, a dúvida fundamental em relação à ciência, tema já desenvolvido muito anteriormente por Agrippa von Nettesheim (erudito universal, correspondente de Erasmo) em seu escrito canônico, publicado inicialmente em Colônia em 1527, *Die Eitelkeit und die Unsicherheit der Wissenschaften*, do qual mencionaremos aqui uma breve formulação: "Pois não na

[6] (Nota do tradutor) No que se refere ao filósofo Nietzsche, ele usa o termo alemão *Gelehrter* (frequentemente traduzido como *scholar* no inglês – termo adotado pelo autor do presente artigo - e "erudito" no português) para se referir ao professor universitário moderno, o acadêmico, que ele tanto critica. Para ele, o erudito é alguém que acumula saber de forma estéril, focado apenas no acúmulo de dados históricos, na especialização e na repetição de textos, sem qualquer vivacidade criativa ou "espírito". É também precisamente essa a tradução que adotaremos, erudito como o oposto ao conceito de filósofo ou de artista. Erudito como alguém que cultiva o conhecimento na teoria, mas, na prática, atende a interesses meramente burocráticos.

[7] cf. Herder, 1997, pp. 172-179 e 823.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

língua, mas no coração, que se encontra o lugar da verdade"[8], obra lida por Goethe.[9] A própria existência de Fausto parece, assim, alienada pela Universidade, na esteira da crítica rousseauniana às ciências e à civilização, e Fausto se refere quatro vezes à natureza em seu monólogo de abertura: "Em vez da natureza viva", "Revelam-se as forças da natureza que neste lugar me cercam?", "Nessas figuras tão puras eu contemplo / A natureza em ação, estendida diante da minha alma" e "Onde posso te alcançar, natureza infinita?"[10]. Essa natureza parece demonstrar, por si só, uma vida verdadeira, uma vida "intensificada": a estrutura do drama e, como acabamos de mencionar, a futura matriz do pensamento de Nietzsche, baseiam-se nesse problema e parecem estar plenamente em ação aqui, no coração do *Fausto* de Goethe. Aquilo a que Fausto almeja tender é uma totalidade, a visão do macrocosmo, enquanto a Universidade, com suas Faculdades separadas[11], é um conglomerado fragmentado e heterogêneo de ciências, um conjunto de diferentes partes do saber que promove o princípio da acumulação, contrário (tanto para Goethe quanto para Nietzsche) à vida. Werther já havia exclamado em sua carta de 4 de setembro de 1771: "nós, que a cultura formou para nos deformar"[12][13], o que pode ser entendido, mais uma vez, como uma surpreendente antecipação de tudo o que Nietzsche virá a adotar e desenvolver. Fausto exclama, por sua vez: "E eu fico aqui como um tolo, sem ter avançado uma palavra"[14]. O que se inicia aqui nada menos é do que a crise da modernidade enquanto paradigma, que entretanto se tornou crise planetária da Universidade - é precisamente esse o problema com o qual nos deparamos hoje e, é preciso dizê-lo, estamos encurralados. O problema da alienação parece ter um alcance geral e absoluto no âmbito da modernidade. A miscelânea, a "herança dos antepassados" faustiana, ou seja, uma história das ciências empoeirada e antiquada, voltará a ser precisamente o alvo de Nietzsche, que visa mais especificamente as consequências antropológicas dessa corrida pela ciência, pelo cientificismo: a alienação é uma destruição do ser humano, ela passa por um empobrecimento e um enfraquecimento da personalidade e um esgotamento de suas forças

---

[8] Agrippa von Nettesheim, 1913, p. 14: "*Denn nicht in der Zunge, sondern im Herzen trifft man den Sitz der Wahrheit an".*

[9] cf., a esse respeito, Franceschini/Le Rider, 2010, p. 24.

[10] Goethe, 2014, p. 205, verso 414, p. 206, versos 438 e 440-441, p. 207, verso 455.

[11] cf. Goethe, 2014, p. 43, versos 354-356: "Ai de mim! A filosofia, / A jurisprudência e a medicina, / E também, infelizmente! a teologia".

[12] Goethe, 1990, p. 75.

[13] "Wir Gebildeten – zu Nichts Verbildeten!" (Goethe, 2013, p. 58).

[14] Goethe, 1984, p. 35, versos 358-359.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

criativas. Contra isso, Nietzsche erguerá a visão, positiva e (re)construtora, do super-homem, forma (antropologicamente) metamorfoseada do "gênio" de sua juventude.

A figura do discípulo de Fausto, Wagner, insere-se numa tradição, a da *Gelehrtensatire*. Os eruditos são precisamente o alvo de Goethe em *Fausto*. Assim, a personagem de Wagner exclama: "Muitas vezes, em meus trabalhos, parece-me sentir / A cabeça girando ou o coração se levantando"[15]. Wagner é uma caricatura (feroz) do erudito, enquanto Fausto aspira a uma autenticidade e a uma maior individualidade, e esta, como ele está plenamente consciente, deve passar por uma revelação de si mesmo e pela escuta da própria intimidade: "Não saciarás a sede que te atormenta / Se a fonte não estiver no fundo do teu coração"[16]. Aos sentimentos e aos sentidos irão se opor a unilateralidade e a frieza do intelecto de Mefistófeles, de quem Goethe, no entanto, não pretende afastar-se totalmente. O estudante fala a Mefistófeles, ele próprio disfarçado de Fausto[17]: "Estes lugares são frios, estreitos e duros; / Não há árvores, flores nem brisa / E eu perco na sala, ao cair sobre estes bancos, / A audição e a visão e, creio eu, todos os meus sentidos!". O estudante prossegue de forma eloquente: "Gostaria de me tornar um verdadeiro poço de sabedoria, / Conhecer os segredos da terra e do céu"[18]. Em resposta, Mefisto lhe expõe maliciosamente o que é "uma máquina de pensar"[19]. Desde os primórdios do Humanismo até o final do século XVIII (e no século XIX), as sátiras aos eruditos e à Universidade são comuns. O tipo (para empregar um termo do léxico nietzschiano) de Wagner é um pedante enfadonho e miseravelmente alheio à vida. Fausto condena os excessos da ciência de maneira emblemática, o que chamará a atenção de Nietzsche. O apetite pelo conhecimento pode muito bem tornar-se patológico: "Já sei muito, mas gostaria de saber tudo!"[20]. Já para Goethe, a *Bildung* vai muito além da simples aquisição de conhecimentos. Comparemos agora com as palavras, igualmente eloquentes, de Montaigne a respeito dos eruditos. E lembraremos que Nietzsche, em *Ecce homo*, declarará ter admiração apenas pela *Bildung* francesa de épocas mais remotas, ou seja, da era clássica e, claro, também do Renascimento. É por isso que a comparação com Montaigne se impõe: "Ele deveria trazer a alma cheia, no entanto a traz apenas inchada; e apenas a infla em vez de a engrandecer"[21]. Em

[15] Goethe, 1984, p. 41, versos 560-561.
[16] Goethe, 1984, p. 42, versos 568-569.
[17] Goethe, 1984, p. 85, versos 1882-1887.
[18] Goethe, 1984, p. 86, versos 1898-1901.
[19] ibid., versos 1922.
[20] Goethe, 1984, p. 43, verso 601.
[21] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 209.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Montaigne, outra comparação que se aplica ao nosso problema é a das almas coxas: "Os coxos são inadequados para os exercícios do corpo; e para os exercícios do espírito, as almas coxas"[22]. Na tradição da sátira aos eruditos, predomina o interesse pelos insetos (precisa-se, no entanto, que ela se revela de grande interesse para a entomologia nas obras de Linnaeus, Réaumur, Darwin, Fabre e von Frisch), razão pela qual Wagner se alegra ao encontrar minhocas, ou seja, detalhes insignificantes que ele considera tesouros da ciência[23]. Da mesma forma que Montaigne ridicularizava o "tecido de retalhos"[24], lembramo-nos de Schopenhauer sobre o mesmo assunto nos *Parerga*. Fausto ironiza: "Mas fique sempre sentado a copiar e colar, / Requentando as sobras alheias num pequeno ensopado"[25]. Outro problema é assim o do erudito remendão, que se contenta em juntar, a partir de uma infinidade de referências obscuras um edifício puramente teórico que quase sempre não tem qualquer relação com a prática, sem qualquer preocupação com as consequências ou repercussões sociais. Comparemos essas páginas decisivas de Goethe, nas quais Fausto se vê confrontado com o povo, diante dos portões da cidade, com Montaigne, que nos remete incessantemente ao bom senso, já elogiado por Descartes. Montaigne escreve: "Eles conhecem a teoria de todas as coisas, procurem, pois, quem a coloque em prática"[26]. Isso culmina, por vezes, nos absurdos próprios de certas teorias acadêmicas que se empenham em obscurecer o assunto, em vez de esclarecê-lo, o que deveria, no entanto, ser a essência de toda ciência. Trata-se do que Montaigne já havia qualificado, em sua época, de "jargão de galimatias"[27]. Pensemos nos desvios dos trabalhos literários e linguísticos contemporâneos que se limitam às palavras, em um dilúvio de análises indigestas e sem qualquer fundamento além de especulações totalmente abstratas, evitando cuidadosamente a questão do sentido, para melhor se perderem no caminho e, com isso, perderem definitivamente o leitor ou o ouvinte. Esse escândalo interpretativo, esse absurdo hermenêutico, embora pretenda ter vantagem sobre qualquer outro método, já foi denunciado sucessivamente (ou seja, se a crítica é perene e historicamente fundamentada) por, entre outros, Montaigne, Descartes, Voltaire, Rousseau, Goethe, Schopenhauer e Nietzsche. O ponto nevrálgico é uma verdadeira charlatanice dos eruditos, também já ridicularizada pelo erudito (em filosofia, teologia e direito), historiador e poeta Johann

[22] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 213.
[23] cf. Goethe, 2014, p. 213, versos 602-605.
[24] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 210.
[25] Goethe, 2014, p. 210, v. 538-539.
[26] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 210.
[27] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 210.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Burkhard Menckens, em sua obra *Zwey Reden von der Charlatanerie oder Marktschreyerey der Gelehrten*: "Afinal, precisamente a palavra francesa *Charlatan* deriva do toscano *Ciarlare* e essa do romano *Circulare*, da qual procedem *Ciarlatono* e *Cerretano*, e do latim *Circulator*"[28]. Não é impossível que Goethe ou Schopenhauer tenham lido essa obra. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche indicou muito claramente a proximidade, ou mesmo a identidade, de certos eruditos com os charlatões de feira. Mas, talvez para compensar, Menckens publicará em 1726 um dicionário muito sério sobre os eruditos, referenciando nada menos que 20.000 eruditos em toda a história da humanidade, notadamente na Europa. Daí decorre, logicamente, que é perfeitamente possível zombar dos eruditos, escrever sobre os eruditos e ser um erudito em si mesmo. Essa sátira aos eruditos no *Fausto* de Goethe consiste, mais precisamente, em uma sátira à ciência, tal como aparece no capítulo "Gabinete de Estudo", 2ª parte. Uma estrutura circular caracteriza, assim, todo o *Fausto I*. Não são apenas a atividade, por vezes vazia, da ciência, nem a existência ambígua do próprio cientista, que são postas em questão, mas a falta de novas perspectivas e de completude no seio da ciência. Pior ainda, seu distanciamento da vida. Mefistófeles enuncia esta fórmula que se tornou famosa: "Cinza, meu querido filho, é toda teoria / E verde a árvore dourada da vida"[29]. Esta constatação, segundo Nietzsche, é o sintoma de uma época decadente, tardia e esclerosada. Os hábitos próprios do desenvolvimento excessivamente artificial da civilização, de fato, já não se preocupam mais com a proximidade com a natureza e com a autenticidade dos indivíduos que compõem um povo, uma cultura ou uma civilização. Hamann já opunha, em seus trabalhos, os sentidos e as abstrações e escrevia: "Ela [uma musa] arrisca purificar o uso natural dos sentidos do uso não natural das abstrações"[30]. Segundo Mefisto, o espírito é "bem treinado" pela Universidade, o que se encontra textualmente em Nietzsche no *Crepúsculo dos Ídolos*[31]. A ciência procede, por vezes, pela imposição de significados pré-estabelecidos, por redução, classificação e encadeamentos mecânicos, e, por vezes, fica por aí, no plano do método[32]. Ela nem sempre busca desdobrar o sentido, mas aprisiona um texto, seja ele qual for, em um sistema interpretativo. A respeito da teologia, Mefisto preconiza, em um

---

[28] Menckens, 1716, p. 18: "*Denn eben das französische Wort Charlatan stammt von dem Toskanischen Ciarlare, und dieses von der Römer Circulare, von dem aber Ciarlatano und Cerretano, lateinisch Circulator*".

[29] Goethe, 1984, p. 90, versos 2038-2039.

[30] Hamann [1762] 1949, p. 207: "*Sie [eine Muse] wird es wagen, den natürlichen Gebrauch der Sinne von dem unnatürlichen Gebrauch der Abstractionen zu läutern*".

[31] GD/CI, Was den Deutschen abgeht 5, KSA 6.107.

[32] Cf. Goethe, 1984, p. 87, versos 1943-1945.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

método o mais anticientífico possível, e que, no entanto, causou e continua a causar estragos na Universidade, de "jurar sempre pela palavra do mestre. / No fim das contas - atenham-se às palavras! / E então entrarão pela porta mais segura / No templo da certeza"[33]. O efeito imediato é um certo dogmatismo. De fato: "Com palavras, pode-se construir um sistema"[34]. Mefisto exclama assim: "Vocês devem ter trabalhado bem, / Estudado as aulas do mestre, / Para melhor verificar / Que ele não diz nada que não esteja no livro, / E, no entanto, anotem tudo, / Como se cada palavra viesse do Espírito Santo!"[35]. A comparação com a quinta conferência de Nietzsche, intitulada *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, é perfeitamente válida no que diz respeito à educação auditiva, exclusivamente "acroamática"[36]. Diante de tais aberrações que se limitam à palavra, ao verbo, em vez de visar o espírito, os autores clássicos, por sua vez, dedicam-se ao que se pode perceber como verossímil e experimental. A ciência perde-se, assim, por vezes, numa disputa fútil sobre palavras, e o sentido é deixado de lado. O que se perde definitivamente é, entre outras coisas, a relação (ingênua) com o texto, mais amplamente com a natureza e, por fim, com a vida. Parece-nos ouvir Montaigne: "Que não lhe peçam conta apenas das palavras de sua lição, mas do sentido e da substância, e que julguem o proveito que dele tirou, não pelo testemunho de sua memória, mas de sua vida"[37]. Essa reflexão não é isolada no corpus literário e filosófico. Na cozinha da bruxa, Mefisto declara, por sua vez, mas sempre em linha com as palavras de Montaigne e além da diferença de época: "O homem costuma acreditar, quando ouve apenas palavras, / que ali haveria, no entanto, matéria para meditar." A bruxa retruca: "E aquele que não pensa, / Ele a [a ciência] recebe de presente, / Ele a possui sem a menor preocupação"[38]. E, finalmente, em *Fausto II*, o tom é dado: um personagem chamado "Um erudito" declara logo de cara: "Quanto a mim, limito-me apenas ao escrito".[39] Essa breve formulação dá continuidade ao final do diálogo entre o estudante e Mefisto no Gabinete de Estudo, 2ª parte, em *Fausto I*. Gostaríamos aqui de propor a hipótese de um paralelismo na maneira de escrever, ou mesmo no método, entre Goethe e

---

[33] Goethe, 2014, p. 262, versos 1989-1992.
[34] Goethe, 2014, p. 262, verso 1998.
[35] Goethe, 1984, p. 88, versos 1958.
[36] (Nota do tradutor) Acroamática refere-se ao ensino oral, característico da filosofia grega, especialmente as lições reservadas por Aristóteles aos discípulos mais avançados. O termo origina-se do grego *akroamatikós* ("relativo ao ouvido") e descreve doutrinas complexas, profundas e muitas vezes confidenciais ou de difícil compreensão.
[37] Montaigne, Da Educação das Crianças, p. 223.
[38] Goethe, 2014, p. 289-290, versos 2565-2566 e 2570-2572.
[39] Goethe, 1984, p. 287, versos 6536.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Nietzsche, no início e no fim de suas respectivas carreiras intelectuais. Longas passagens das obras de juventude (*Fausto I*, *Sobre o Futuro de Nossas Instituições de Ensino*, *Schopenhauer, o educador*) encontram-se condensadas em uma ou algumas frases nas obras da maturidade (*Fausto II, Crepúsculo dos Ídolos, Ecce Homo*). E, em cada caso, não é apenas a evolução do estilo, da forma e da estrutura dos textos que parece corroborar nossa hipótese, mas a questão do sentido, o que é dito, implícito, o que se revela. Todas as reflexões mencionadas convergem para um problema comum: as graves disfunções no seio da Universidade que surgem na pena de Goethe e de Montaigne (como vimos, a respeito da educação das crianças), descartando com demasiada frequência a questão do sentido, assim como a da relação do homem com a verdade e com a natureza, em benefício de uma disputa de palavras bem vã. O que daí resulta, do ponto de vista da educação do homem moderno (e, por extensão, do humanismo), é catastrófico. Nietzsche não se deixa enganar nesse ponto.

II Nietzsche e seu duplo olhar sobre a Universidade.

As relações de Nietzsche com a Universidade são de uma complexidade muito grande. Há, de fato, um problema de fundo, constante e reafirmado permanentemente por Nietzsche diante dessa questão da Universidade. O que não exclui de modo algum, como veremos, que Nietzsche espere e vislumbre efetivamente a possibilidade de uma *outra* Universidade, notadamente uma Universidade mais circunscrita, de dimensões provavelmente bastante reduzidas, mas de valor acrescido.

1. Um olhar devastador sobre a Universidade.

Em um fragmento póstumo preparatório para *Aurora*, Nietzsche escreve: “Há pessoas muito medrosas que imaginam que, se fecharem obstinadamente os olhos diante de certas coisas, elas deixam de existir.” (NF/FP 1880, 1[21], KSA 9.12, itálico F. J.). Destacamos “obstinadamente” porque há, de fato, uma crítica à Universidade por parte de Nietzsche que salta aos olhos, que fulmina, talvez diria Jacques Bouveresse, e que ainda hoje parece não ter sido assimilada. A recusa em encarar a realidade do texto de Nietzsche é generalizada. Aquele que decidiu de uma vez por todas se iludir, à sua escolha, sobre um texto, sobre um autor, sobre o mundo ou, finalmente, sobre si mesmo, basta-lhe fechar os olhos, e então todas as dificuldades que não deseja enfrentar deixam de existir e desaparecem como por encanto. Ora, foi precisamente um olhar devastador que Nietzsche

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

lançou sobre a Universidade: "Admitamos que exista atualmente uma geração muito fraca de tais filósofos - mas uma melhor não suportará a Universidade." (NF/FP 1874, 32[74], KSA 7.781) Essa reflexão - mas centenas de outras vão na mesma direção[40] - atesta o conflito aberto entre Nietzsche e a Universidade. Qual é, então, em essência, a constatação nietzschiana? A Universidade produz em massa, em série, pessoas sem personalidade, submissas, medrosas, limitadas, sem envergadura. O acordo tácito entre certos "mandarins universitários" ou outros "empresários acadêmicos" e os "filisteus da cultura" consiste, em seu princípio fundamental, em sempre se adaptar à Universidade (e, portanto, à sociedade) tal como ela é, em eternamente se alinhar e seguir a linha, na esperança de, talvez, um dia, de se inserir profissionalmente, e isso, na melhor das hipóteses. A universidade forma, assim, "trabalhadores" úteis às diversas ciências, que, ao alcançarem algum cargo público, nem sempre mantêm grande perspicácia ou espírito crítico. A aparência de dinamismo, inteligência e moderação dos "filisteus da cultura" não passa do outro lado da moeda, das qualidades que se atribuem a "animais de caça" domesticados, preocupados acima de tudo em disfarçar sua astúcia insondável, que consiste em se apresentar de forma vantajosa diante de um público míope. O "filisteu da cultura" acredita ou finge ser culto, sem por isso deixar de ser um calculista, muitas vezes ávido por poder, dinheiro e honras. As numerosas análises de Barbara Neymeyr no *Nietzsche-Kommentar das Considerações Inoportunas* vão nesse sentido e confirmam que a questão da Universidade é um problema em si mesmo para Nietzsche[41]. Já abordada anteriormente por Goethe, Humboldt e tantos outros autores como Schopenhauer, Herder ou Hölderlin, essa questão da Universidade abrange um problema essencial e central: o da formação do erudito, problema que gradualmente coloca Nietzsche no caminho de uma crítica mais abrangente do homem moderno, da ciência, da cultura e da civilização. Não se deve subestimar o alcance desse questionamento na obra nietzschiana. Para Nietzsche, a Universidade não é mais um centro motor (cf. BA/EE V, KSA 1.737), mas uma instituição a reboque do objetivo do ensino médio: formar o maior número possível de alunos (já naquela época) e direcionar os benefícios educacionais não para os indivíduos a serem educados, mas para o Estado, grande roda ou maquinaria bem lubrificada (GD/CI, *Streifzüge eines Unzeitgemässen* 29, KSA 6.129-130), que necessita de um grande número de agentes a seu serviço, e cujo sinal distintivo e critério de validação será doravante a competência. Mas ser competente não implica ser educado no sentido em

[40] (cf. a esse respeito Jegoudez, 2022).
[41] cf. Neymeyer, 2020, 2 volumes.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

que Nietzsche o entende. Isso anuncia diretamente a história das sociedades modernas e seus excessos tecnicistas e burocráticos. O resultado, precisamente, não são homens educados, nem "culturas vivas, maduras e deleitáveis" (GD/CI, *Was den Deutschen abgeht* 5, KSA 6.107), mas homens "mutilados" ou "castrados" que, por vezes, não têm outro objetivo além de seu próprio benefício. Nossas análises se concentrarão na perenidade e na continuidade da crítica à Universidade moderna em dois textos de Nietzsche: *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino* (1872) e o capítulo "*O que falta aos alemães*" de *Crepúsculo dos ídolos* (1888). O problema mais geral que Nietzsche vê surgir é o da democratização da Universidade (que hoje constitui sua razão de ser) e o da dissolução da *Selbstgenugsamkeit* da *Bildung*, ou seja, a "soberania" ou a "autonomia" da educação/formação/cultura em benefício de uma forma de domesticação do sujeito moderno, ele próprio formado (ou melhor, deformado) para o cargo público necessário ao funcionamento das instituições estatais, do comércio, mas também da doutrinação pela ideologia política, pelo exército ou ainda pelo nacionalismo, todas coisas combatidas por Nietzsche e cuja expansão ele lamenta. As palavras-chave das Conferências de 1872 são: *Erweiterung, Verminderung, Abschwächung, Verengerung, Koncentration, Stärkung* e, finalmente, como acabamos de mencionar, *Selbstgenu*gsamkeit (BA/EE, KSA 1.647, 667, 669). Esses termos refletem a oposição entre a possível implementação da *Bildung* e sua efetiva redução a nada. Em *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, surge outro conceito, a *Zucht*, geralmente traduzido como adestramento ou disciplina, ou seja, uma educação rigorosa, severa e imperiosa. A *Zucht* passa a ser *Züchtung*, criação, a partir de 1873/1875, e seu conceito se enriquecerá com outras camadas de significados, notadamente no que diz respeito ao seu conteúdo biológico. No *Crepúsculo dos ídolos*, o adestramento tornou-se uma ferramenta de domesticação (inclusive na Universidade) e passa a ser o oposto da criação. Há, portanto, uma evolução e uma separação, no plano semântico, entre a *Zähmung* e a *Züchtung*. E existem duas formas de adestramento, uma negativa e outra positiva. A *Zucht/Züchtung* é um problema complexo cujo estudo ultrapassa amplamente o âmbito deste artigo. Quanto à *Bildung*, ela é objeto de um questionamento permanente e revela-se particularmente adequada no texto póstumo *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino* e nos parágrafos 3 e 5 do capítulo "O que falta aos alemães" no *Crepúsculo dos ídolos*[42]. Um dos pontos de convergência é a questão da língua, que precisamente não é mais objeto de um "adestramento rigoroso", mas também da perda de toda vitalidade em

[42] cf. Astor, 2017, p. 281.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

benefício de uma intelectualidade que se tornou deletéria. Nietzsche faz a esse respeito uma crítica clara no § 3: "Eu disse do espírito alemão que ele se tornava mais grosseiro (*gröber*), mais insípido", "[…] que atmosfera, entre esses eruditos! Que vida intelectual vazia, morna e pouco exigente!", "Há dezessete anos, não me canso de destacar a influência "desespiritualizante" [*entgeistigenden*] de nossa atividade "científica" atual", "[…] naturezas mais plenas, mais ricas, mais profundas, não encontram mais educação, nem educadores à sua altura. O que mais aflige nossa cultura é uma pletora de operários arrogantes, de humanidades fragmentadas [*anmaasslicher Eckensteher und Bruchstück-Humanitäten*]. Nossas universidades são, *contra a sua vontade* (*wider Willen*), verdadeiras estufas onde se desenvolve esse tipo de atrofia do instinto de que sofre o espírito." (GD/CI, *Was den Deutschen abgeht* 3, KSA 6.105). É significativo que Nietzsche tenha destacado esse "contra a sua vontade", de alcance absolutamente capital. Com efeito, não são as Universidades, as instituições em si, que constituem um problema, mas sim um certo número de eruditos. E vimos acima que isso já é, sem dúvida, o centro (e não a periferia) do discurso do *Fausto* de Goethe[43]. Nas linhas acima citadas de *Crepúsculo dos ídolos*, reconhece-se a constância do pensamento de Nietzsche, tal como já se desenvolve em *Assim falou Zaratustra* (e antes), mas também, e de forma mais surpreendente, a de Schiller, que já designava como um dos principais problemas da modernidade o surgimento do homem fragmentado. Apesar da ponta de humor a seu respeito em *Crepúsculo dos Ídolos*, Schiller é de fato um precursor, inclusive na questão da Universidade. A crítica nietzschiana prossegue implacavelmente no § 5: "Que a educação, que a cultura geral seja um fim em si mesma - e não "o *Reich*" - e que, para esse fim, seja necessário um educador (e não o professor do ensino médio ou o erudito universitário), eis o que se esqueceu…", "O que o chamado "ensino superior" alemão consegue, na verdade, é um adestramento brutal que permite, perdendo o mínimo de tempo possível, tornar uma multidão de jovens utilizáveis - exploráveis - para o serviço do Estado." (GD/CI, *Was den Deutschen abgeht* 5, KSA 6.107). Essas considerações críticas culminam em uma fórmula de alcance excepcional em alemão, dada a riqueza de sua aliteração ("profissões"/"vocação"): "- Um tipo superior de ser humano, com todo o respeito, não ama "profissões", justamente porque sabe que é chamado…" (CI/GD, *Was den Deutschen abgeht* 5, KSA 6.108). Essa perspectiva altamente crítica não foi suficientemente destacada, embora tenha sido observada, há muito tempo, por autores isolados. Na edição das obras de juventude de

[43] cf. também sobre o assunto Franceschini/Le Rider, 2010.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Nietzsche realizada por Marc de De Launay no ano 2000, Michèle Cohen-Halimi analisa as diversas pressões que se exercem sobre (e contra) a Universidade e que "fazem passar por afirmações de sentido as relações de força que promovem." (NIETZSCHE, 2000, p. 993).

Encontramos aqui a temática da *perda de sentido* apresentada anteriormente. Na verdade, são diferentes formas de poder que assumem a máscara do sentido, ao mesmo tempo em que o destroem radicalmente. Profundas inversões estão aqui em ação, extremamente prejudiciais, tanto para o homem quanto para sua educação, parasitada por inúmeros ídolos e tantas miragens das mais questionáveis, aquelas que a apropriação tecnocientífica e capitalista do projeto do homem rentável faz brilhar, onde tudo é calculado e formatado de antemão. Mas Montaigne, ele também, não se deixava enganar e já escrevia: "que nossos estudos na França não têm praticamente outro objetivo senão o lucro".[44]

Ora, para Nietzsche, trata-se de algo bem diferente, notadamente de transformar o indivíduo em sua totalidade graças à *Bildung* (a fim de tentar criar as condições para uma possível autenticidade) e não de "uma educação intelectualista e superficial"[45]. E, mais um ponto importante: trata-se, para Nietzsche, nos dois prefácios das Conferências de 1872, de preparar o futuro, e não apenas de predizê-lo[46]. Esse futuro abre, possivelmente, para uma nova configuração da educação, da relação do homem com a sociedade e com o mundo. A "alegre ciência" nietzschiana aponta para uma concepção nova, ainda inexplorada, das possibilidades que outra educação poderia oferecer, a qual se distingue da mera relação com o ofício, com a mera profissão: "Da sua cultura (*Bildung*) não se pode extrair nenhum *ofício* com o qual se possa viver." (NF/FP 1871-1872, 14[15], KSA 7.380). Para perceber melhor essa abertura para outra coisa, para a possibilidade de um novo paradigma educacional, é preciso avaliar bem a distância que Nietzsche mantém em relação ao sistema educacional e à Universidade de seu tempo e, de maneira mais geral, em relação a toda a sua época, com tudo o que ela veicula: "O conforto intelectual, pelo menos aparente, de um David Strauss é-lhe estranho, tanto quanto as "certezas" ateístas de um Engels"[47]. Somente levando a sério essa distância que Nietzsche sente em relação aos seus contemporâneos é que se pode tentar decifrar e compreender sua rejeição à Universidade. E André Flécheux tinha, sem dúvida, razão, na comparação que fazia entre o jovem Nietzsche e Hegel, ao

[44] Montaigne, 1965, Do pedantismo, p. 212.
[45] Astor, 2017, p. 864.
[46] Astor, 2017, p. 863.
[47] Flecheux, 1985, p. 128.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

observar certas convergências entre os *Gymnasialreden* (cf. HEGEL, 1990) e *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, em sua defesa (e apologia) comum da cultura clássica, mais do que as divergências que os opõem: "Não é paradoxal que o diretor de Nuremberg, que afirmava que as Humanidades eram indispensáveis para o domínio da língua, tenha, no entanto, deixado passar um neologismo que Nietzsche denuncia com veemência: o tão famoso "o que se entende por si mesmo", figura típica, segundo ele, do estilo filosófico de Hegel?"[48]. Uma reflexão sobre os danos causados pelo hegelianismo (ou sua caricatura) à modernidade educacional, ao tornar a razão um absoluto, já está presente nas Conferências de 1872. Trata-se, de fato, de um projeto duplo em Nietzsche, ele próprio fundamentado em seu duplo olhar: crítico e desconstrutor, por um lado, positivo e reconstrutor, por outro. É esse ponto que nos interessará agora. Passemos, portanto, às propostas de *reconstrução* nietzschiana para a Universidade.

2. A "universidade livre" e o texto enigmático de *Ecce Homo*

Em uma carta à sua irmã Elisabeth, datada de 20 de janeiro de 1877 e redigida em Sorrento, Nietzsche escreveu: "A "Escola dos Educadores" (também chamada de claustro moderno, colônia ideal, universidade livre) paira no ar; quem sabe o que será dela!" (Carta de Friedrich Nietzsche a Elisabeth Nietzsche, 20 de janeiro de 1877, KSB 5.216). Vale notar que o termo "universidade livre" está em francês, o que remete à atualidade da época e reforça a tese de um Nietzsche muito atento e ancorado na realidade de seu tempo, mesmo que seja para se distanciar dela. Trata-se aqui de uma referência à "universidade livre" segundo a lei de 12 de julho de 1875, mais precisamente denominada "Escola livre de ciências políticas", criada anteriormente, em 1871. Nietzsche adapta, em outro contexto, em Sorrento, um conceito que foi iniciado em Paris.

Essa reflexão privada não é isolada no corpus nietzschiano e tem suas raízes nas *Conferências* de 1872, que acabamos de mencionar, anteriores ao que se desenrola durante o ano sabático de 1876-1877: revela que a questão da Universidade, que voltará com força no *Crepúsculo dos ídolos*, já se transformou um pouco, atenuou-se, matizou-se, e que, aqui, a instituição prevista deveria ter um tamanho muito reduzido (40 pessoas), menor do que seu modelo parisiense (89 matriculados na inauguração da Escola).

O que exatamente Nietzsche pretendia com uma "universidade livre"? Trata-se de uma experiência pedagógica na forma de um grupo de estudiosos que trocam atividades de

[48] Flecheux, 1985, p. 121.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

ensino entre si, em um local apropriado, ou seja, um ambiente excepcional, que seja, por si só, inspirador. Trata-se da antítese da instituição de ensino estatal, concebida segundo o modelo do ensino em massa, em um ambiente neutro, genérico, ou mesmo pré-fabricado, destinado a produzir alunos como se produz mercadoria. A proximidade do modelo escolar com o modelo hospitalar e o modelo carcerário foi analisada mais recentemente e com razão por Foucault. Nietzsche visa uma instituição "livre", como o próprio nome indica, capaz de formar de maneira muito superior ao que é possível realizar na modernidade e que, por isso, se afasta do modelo francês que lhe inspirou o conceito de "universidade livre". É, em certo sentido, toda a filosofia de Nietzsche que está implicada nesse gesto pedagógico inédito.

Cabe ressaltar que os *educadores,* no verdadeiro sentido da palavra, seriam partes interessadas nesse princípio de aprendizagem mútua, provavelmente destinados a, posteriormente, oferecer uma educação excepcional. O desafio pedagógico parece muito elevado, e os contornos são suficientemente flexíveis para permitir a inovação pedagógica, a inventividade e a criatividade tão caras a Nietzsche. O conceito de "universidade livre" existe hoje em dia como tal, mas de forma muito esporádica, e de modo algum de acordo com a acepção nietzschiana.

Em 1875, dois anos antes, Nietzsche já apresentava, no FP 4 [5] de 1875, um programa do conteúdo das aulas que essa futura escola de educadores poderia oferecer:

Escola dos educadores

Onde está
o médico
o pesquisador em ciências naturais
o economista
o historiador da cultura
o especialista em história das Igrejas
o especialista nos Gregos
o especialista no Estado. (NF/FP 1875, 4[5], KSA 8.40)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Trata-se aqui de um corpus, no geral, relativamente clássico, mas organizado e orientado de acordo com o que poderíamos chamar de "interesses superiores da vida". De fato, é de tal programa, de sua organização, que pode decorrer a metamorfose que Nietzsche espera no seio da modernidade: uma renovação significativa da cultura. Embora o corpo esteja ausente dessa lista de disciplinas, sabemos que ele já está presente na reflexão de Nietzsche nessa época e que nenhum conhecimento poderia ser plenamente integrado sem a articulação necessária com o exercício (e o treinamento) próprio do corpo. É da combinação do conhecimento acadêmico e da vida que pode ser gerada a vitalidade superior, aquela que é propriamente contemplada por Nietzsche. É preciso, por fim, considerar a multidimensionalidade das perspectivas que Nietzsche contempla a respeito dessa questão da Universidade. Mais voltado para uma Universidade de tamanho modesto, reduzido, Nietzsche às vezes também contempla, por outro lado, a questão em uma escala mais vasta, passando do nível micro para o nível macro. Assim se desenha uma continuação dessa mesma ideia de escola de educadores um ano depois, em 1876, mas assumindo um caráter infinitamente mais político e preparando, em certo sentido, o que chamaremos de significado último de *Além do Bem e do Mal*: o de uma educação de educadores destinada a tornar possível o fato de governar o destino de uma Europa de contornos um tanto difusos, podendo chegar a abranger todo o Ocidente. Trata-se de uma visão (e de um objetivo) propriamente política, no melhor sentido do termo, da educação:

> A *escola dos educadores* baseia-se na constatação de que nossos educadores não são, eles próprios, educados; de que essa necessidade é cada vez maior, mas a qualidade é cada vez mais medíocre; que as ciências, dada a divisão natural das esferas de atividade, dificilmente são capazes de impedir a barbárie individual; que não existe um areópago da civilização (*Cultur*) que leve em consideração o bom andamento intelectual de toda a humanidade sem levar em conta os interesses nacionais: que seria um ministério internacional da educação (NF/FP 1876, 23 [136], KSA 8.452).

Distinguem-se, portanto, dois níveis nesse projeto educacional: o nível inicial e local, de preparação e consolidação dos próprios educadores, e o da ação suprapolítica, internacional e decididamente voltada, por outro lado, para o interesse geral. Essa busca pelas melhores condições possíveis de educação se articulará posteriormente também, à medida que seu pensamento se torna mais complexo, como costuma acontecer com Nietzsche, com o ponto de vista inverso: ou seja, condições desfavoráveis de educação

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

podem contribuir, igualmente, para a melhor educação[49]. A questão é complexa, como se vê. A excelência da educação não é algo óbvio; é algo delicado, raro, frágil, que se constrói a partir de múltiplos fatores que nada têm a ver com o que às vezes consideramos evidente. Mencionamos acima a crítica pedagógica herderiana, mas Herder também escreveu sobre a melhoria das escolas e sobre a necessária reconstrução da educação em seu texto *Über Schul-Verbesserungen* <após 1790>, antes de seu período weimariano, que começa assim: "A deficiência principal de todas as instituições escolares no país é: falta-lhes o espírito e a vida"[50]. Essas palavras, referentes a todas as escolas em geral, e não apenas à Universidade, nos parecem, no entanto, perfeitamente pré-nietzscheanas. Seria como ler, de forma ainda mais condensada, certas passagens já mencionadas do *Crepúsculo dos Ídolos*.

Vamos continuar a identificar o que Nietzsche teve a dizer de positivo sobre as academias e as instituições universitárias. Nesse ponto, é preciso procurar com cuidado, pois o material é relativamente escasso. O que resta que possamos destacar, segundo Nietzsche? Os métodos, certos métodos e não outros. Esse ponto está estabelecido desde a *Enciclopédia de filologia clássica*. E, na medida em que os exemplos e os modelos são inexistentes, ou quase inexistentes, no panorama contemporâneo, é preciso, portanto, buscá-los no passado. Instituições cada vez mais numerosas, agora a serviço exclusivo do bem-estar e das necessidades socioeconômicas, abandonaram definitivamente qualquer objetivo ligado à formação humanística que sempre prevalecera anteriormente.

Quais são, então, as condições de possibilidade de uma "universidade livre", tal como Nietzsche a concebia, uma escola para espíritos livres e cujo conhecimento estaria em perpétuo movimento? O que está aqui em jogo é uma verdadeira aplicação da filosofia nietzschiana, uma prova prática em benefício da educação integral do indivíduo. O texto de *Ecce homo* a propósito de *Assim falou Zaratustra*[51] pode ser entendido dessa forma, como uma futura *institucionalização* da filosofia nietzschiana, ou pelo menos de certos aspectos ou seções dela. Isso implica um projeto pedagógico e educacional, mais uma vez, no sentido estrito da palavra, bem como um local adequado para o que parece ser um verdadeiro processo universitário ou para-universitário de coeducação, envolvendo não apenas conhecimentos, mas uma organização da vida dos indivíduos, incluindo uma vida

[49] Cf. NF/FP 1885, 35[70], KSA 11.540.

[50] Herder, 1997, p. 670: "*Der Hauptmangel aller Schulanstalten auf dem Lande ist: Es fehlt Geist und Leben darin*".

[51] Cf. Jegoudez, 2025, pp. 46-47.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

em comum, o que pode lembrar o projeto educacional platônico, por um lado, e implica, sem dúvida, uma educação de *exceção*, por outro: "- Um dia ou outro, precisaremos de instituições nas quais se viva e se ensine como eu concebo que se deve viver e ensinar; talvez até se criem, então, cátedras específicas (*eigene Lehrstühle*) para a interpretação de Zaratustra." (EH/EH, *Warum ich so gute Bücher schreibe* 1, KSA 6.298) Devemos concluir que essa instituição deveria acolher um número maior de pessoas? Isso é perfeitamente possível, mas é preciso constatar que o próprio Nietzsche deixou essa dimensão da questão em aberto. É nesse sentido que o texto de *Ecce Homo* permanece enigmático, na medida em que revela e, ao mesmo tempo, se oculta.

O elemento importante é que Nietzsche retorna aqui à noção de ensino, que precisamente valoriza. Não nos esqueçamos que o ensino, segundo Nietzsche, é o que visa precisamente a uma liberação dos espíritos de um jugo milenar, sendo ao mesmo tempo capaz de respeitar uma certa tradição, sem que um exclua o outro. O *Jogo das pérolas de vidro* de Hermann Hesse pode fornecer uma perspectiva altamente espiritual e uma tentativa de exemplificação do que Nietzsche almeja, e é aqui que a questão volta a se tornar complexa, na medida em que a vida, tal como concebida por Nietzsche, talvez não seja nem fácil nem tranquila, mas, pelo contrário, provavelmente difícil e austera, em contradição com os desejos do último homem.

A questão da reformulação da educação pressupõe a resolução de um grande desafio antropológico: o do homem moderno, de sua educação, de sua *Bildung*. A tarefa é imensa. Em meio às ruínas deixadas por um excesso de desconstrução, proveniente de todos os horizontes, como reconstruir o sentido, a fé — incluindo a fé em um futuro —, bem como as estruturas indispensáveis para o advento de uma verdadeira civilização e, no seio dela, de uma Universidade digna desse nome? Em suma, como refundar uma cultura que não seja também uma ofensa (e uma destruição) permanente em relação à natureza? Isso pressupõe, muito provavelmente, um certo uso da verdade, uma prática da *parrésia*, tal que a modernidade perdeu totalmente até mesmo a ideia dela. Que seja necessário, de fato, opor-se com todas as forças à ideologia niveladora do último homem, eis um pensamento que quase não passa mais pela cabeça de ninguém. A decadência que ameaça o Ocidente (e talvez não apenas o Ocidente) corre o risco, a qualquer momento, de se transformar em degeneração (Nietzsche evoca esse risco já em *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, mas seremos um pouco mais cautelosos nesse ponto), levando, por sua vez, à possibilidade de um colapso civilizacional geral, globalizado e irreversível.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Para remediar isso, qual seria o objetivo adequado de uma Universidade, para Nietzsche, segundo sua exigência mais elevada? Aprender a pensar. É precisamente um dos problemas que Nietzsche trata no *Crepúsculo dos ídolos*, sem romper com o paradigma estabelecido em *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, que já tratava dessa questão: "Aprender a pensar: em nossas escolas, já não se tem a menor ideia do que isso significa. Mesmo nas universidades, e até mesmo entre os mais eruditos dos filósofos, a lógica começa a definhar, como teoria, como prática, como técnica." (GD/CI, *Was den Deutschen abgeht* 7, KSA 6. 109).

A partir das reflexões anteriores, poderíamos agora tentar redefinir quatro tarefas para a Universidade segundo Nietzsche (e em total consonância com a sabedoria de Goethe e Montaigne): restabelecer um contato mais autêntico com a cultura, mas também com o real, a natureza e a lógica do pensamento.

Conclusão

A Universidade, neta da Igreja, tem, em sua construção gradual e na modernidade da qual nasceu, consequências antropológicas e educativas maiores. São ao mesmo tempo o conteúdo (os inúmeros saberes e formas de saberes) e as modalidades pedagógicas (notadamente o fato de estar sentado, de escutar e de escrever) que devem ser repensados se quisermos ter a esperança de poder sequer começar a considerar (seriamente) a questão da Universidade, tal como foi criticada por Nietzsche. O humanismo foi atingido de cheio pela modernidade; a educação não é mais educação, segundo Nietzsche; a artificialização da sociedade humana parece irremediável e a Universidade é presa da economia política. Atualmente, em todos os países, sinais de alarme continuam a soar. Será que finalmente vamos ouvi-los? Pois como formar seres humanos harmoniosos (tal como os concebem autores tão diferentes como Montaigne, Rousseau, Goethe ou Nietzsche, apesar de suas divergências doutrinárias), senão revisando profundamente nossas crenças e nossos hábitos no domínio da formação superior? É com essa simples indagação que encerraremos nossas observações sobre a questão da Universidade.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

Declaração de uso de IA

Os autores declaram utilizar ferramentas de inteligência generativa exclusivamente para apoio na revisão textual, incluindo sugestões de clareza, coesão e organização da escrita. As decisões conceituais, metodológicas e interpretativas são de responsabilidade dos autores do artigo.

Declaração de contribuição dos autores

Fabien Jégoudez: conceitualização, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição.

Declaração de financiamento

Não houve financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados da Pesquisa

Os autores afirmam que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche procedem à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes aos artigos constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

Conflito de interesses

Os autores declaram que os artigos publicados no periódico Cadernos Nietzsche não apresentam conflito de interesses de ordem pessoal, comercial, acadêmica ou financeira que possa comprometer a objetividade e a integridade dos resultados da pesquisa publicada como artigo científico no periódico.

Referências:

AGRIPPA VON NETTESHEIM, H. C. *Die Eitelkeit und die Unsicherheit der Wissenschaften und die Verteidigungsschrift.* Herausgegeben von Fritz Mauthner. Erster Band. München: Georg Müller, 1913.

ASTOR, D. (dir.) *Dictionnaire Nietzsche*. Paris: Robert Laffont, 2017.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

COLLI, G. *Écrits sur Nietzsche*. Traduction de l'italien Patricia Farazzi. Paris: Éditions de l'éclat, 1996 [éd. originale: *Scritti su Nietzsche*. Milano: Adelphi, 1980].

DE KONINCK, T. *Philosophie de l'éducation. Essai sur le devenir humain*. Paris: PUF, 2004.

FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France. 1984*. Paris: Seuil, 2009.

FOUCAULT, M. *Discours et vérité. Précédé de La parrêsia*. Paris: Vrin, 2016.

FLECHEUX, A. Nietzsche, la science et l'Université. In: JANICAUD, D. (éd.). *Nouvelles lectures de Nietzsche*, actes du symposium de la Faculté des lettres de Nice, 23-25 février 1984. Lausanne/Paris: l'Âge d'homme, 1985.

FRANCESCHINI, P.-J.; LE RIDER, J. *Faust, le vertige de la Science.* Paris: Larousse, 2010.

GOETHE, J. W. *Faust I et II*. Traduction de Jean Malaplate. Paris: Flammarion, 1984.

GOETHE, J. W. *Romans.* Traduction et notes par Bernard Groethuysen, Pierre du Colombier et Blaise Briod. Paris: Gallimard, 1990.

GOETHE, J. W. *Die Leiden des jungen Werther.* Johann Wolfgang von Goethe: Die Leiden des jungen Werther. Berliner Ausgabe. Berlin: Michael Holzinger, 2013.

GOETHE, J. W. *Faust. Urfaust, Faust I, Faust II.* Traduction de Jean Lacoste et Jacques Le Rider. Paris: Bartillat, 2014.

HAMANN, J. G. Aesthetica In Nuce. In: *Kreuzzüge des Philologen* (1762). In: *Sämtliche Werke, Band 2: Schriften über Philosophie – Philologie – Kritik*. Wien: Thomas Morus Presse/Herder, 1949.

HEGEL, G. W. F. *Textes pédagogiques*. Traduction de Bernard Bourgeois. Paris: Vrin, 1990.

HERDER, J. G. *Journal meiner Reise im Jahr 1769; Pädagogische Schriften*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1997.

JEGOUDEZ, F. *Nietzsche et les savants: essai sur la Bildung et la pseudo-Bildung.* Paris: Connaissances et Savoirs, 2022.

JEGOUDEZ, F. *Noblesse et éducation dans Ainsi parlait Zarathoustra.* Basel: Schwabe, 2025.

MENCKENS, J. B. *Zwey Reden von der Charlatanerie oder Marktschreyerey der Gelehrten. Nebst verschiedner Autoren Anmerckungen. Mit Genehmhaltung des Hn. Verfassers nach der letzten vollständigsten Auflage übersetzt.* Leipzig: Bey Joh. Friedrich Gleditschens seel. Sohn, 1716.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16192

MONTAIGNE, M. DE. *Essais I*. Edition de Pierre Michel. Paris: Gallimard, coll. folio classique, 1965.

NEYMEYR, Barbara. Kommentar zu Nietzsches „Unzeitgemässen Betrachtungen: I. „David Strauss der Bekenner und der Schriftsteller", II. „Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben". Berlin/Bostn: Walter de Gruyter, 2020.

NEYMEYR, B. *Kommentar zu Nietzsches "Unzeitgemässen Betrachtungen":* III. "Schopenhauer als Erzieher", IV. "Richard Wagner in Bayreuth". Berlin/Boston: W. de Gruyter, 2020.

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke: kritische Studienausgabe*, in 15 Einzelbänden, Hrsg. von Giorgio Colli u. Mazzino Montinari. München: Dt. Taschenbuch-Verl., Berlin/New York: W. de Gruyter, 2. Auflage, 1980 [2. Auflage 1988; Neuausgabe 1999].

NIETZSCHE, F. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*, in 8 Einzelbänden, Hrsg. von Giorgio Colli u. Mazzino Montinari. München: Dt. Taschenbuch-Verl., Berlin/New York: W. de Gruyter, 1986.

NIETZSCHE, F. *Œuvres I*; édition publiée sous la direction de Marc de Launay. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2000.

SHAKESPEARE, W. *Macbeth.* Lambersart: Editions Vasseur, 2014.

Enviado:
16.01.2026
Aceito:
16.02.2026
Pareceristas:
Jelson Oliveira
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2362-0494
Wilson Frezzatti Jr.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7519-3789

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.